

A DEPRESSÃO COMO SINTOMA DO MAL-ESTAR NA CONTEMPORANEIDADE. [RESENHA DE: KEHL, MARIA RITA. O TEMPO E O CÃO. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2009].

José Isaías Venera*

Ana Carolina Cernicchiaro**

A depressão é a expressão de mal-estar que faz água e ameaça afundar a nau dos bem-adaptados ao século da velocidade, da euforia prêt-à-porter, da saúde, do exibicionismo e, como já se tornou chavão, do consumo generalizado.

Maria Rita Kehl

“Minha hipótese é de que as depressões, na contemporaneidade, ocupam o lugar de sinalizador do ‘mal-estar na civilização’ que desde a Idade Média até o início da modernidade foi ocupado pela melancolia” (KEHL, 2009, p. 22). Com essa hipótese, *O tempo e o cão*, de Maria Rita Kehl, debruça-se sobre uma das marcas do tempo presente, num impulso de buscar o que faz da nossa contemporaneidade um momento singular em relação a outros períodos históricos.

O livro perfaz uma longa trajetória da melancolia, desde a antiguidade, à depressão, na atualidade, buscando pensar as subjetividades do nosso tempo. Neste movimento, advoga a favor de uma exterioridade que participa ativamente na formação das estruturas psíquicas. De forma que podemos pensar as formações do inconsciente como uma banda de Moebius, que rompe as fronteiras entre o dentro e o fora, entre a constituição subjetiva e a sociedade.

Mas engana-se quem supõe que Kehl faz uma sociologia da psicanálise ao trabalhar temas sociais pela via da análise. Ao contrário, sua preocupação está no centro da clínica. Neste sentido, Kehl segue os passos de Jacques Lacan, para quem a psicanálise deve “alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época”, afirma ele em *Função e campo da palavra e da linguagem psicanalítica* (LACAN apud KEHL, 2009, p. 26). Se há uma subjetividade de uma época, sua produção depende do modo como o sujeito está implicado com o grande Outro lacaniano – que é o fio condutor da obra de Kehl. Na clínica, essa dobra (implicação ou passagem do dentro e fora que torna-se um só) está entre o tempo vazio, “de eterno retorno às formas de sua servidão infantil” (KEHL, 2009, p. 298), e o gesto (em ato) de desprender dessa posição fantasmática e mergulhar no “tempo achado”, ou seja, sem este “a de dispor de um tempo livre da demanda” (Idem, p. 298), mais especificamente da demanda do Outro.

* Doutorando em Ciências da Linguagem pela Unisul. Professor da Univali e da Univille. E-mail: j.i.venera@gmail.com.

** Doutora em Literatura pela UFSC. Professora da Unisul. E-mail: anacer77@yahoo.com.br.

Se há um mal-estar na atualidade, este é de um sintoma produzido na fissura com o grande Outro laciano, que constitui o sujeito dividido do inconsciente. Falha do “sinal do Outro que lhe indique o desejo a que ele deve responder” (Idem, p.17). Na apresentação do livro, Adauto Novaes precisa o lugar que o depressivo ocuparia nas quase 300 páginas do livro: “A máquina nos governa; mas o depressivo se recusa a fazer parte dessa máquina” (Idem, s/p.). O maquinista é o Outro, cujo poder depende sempre da crença em sua existência.

MELANCÓLICO VERSUS DEPRESSIVO

O depressivo não é uma diferença de grau do melancólico, como se um fosse o agravamento do outro. A diferença é de natureza. Eles não se constituem de uma mesma trama psíquica, mesmo que coincidam os sintomas. O esforço inicial de Kehl é de demarcar as fronteiras para mostrar que ambos se constituem como uma dobra subjetiva de épocas e condições diferentes.

A primeira lição é que “a desesperança no melancólico, por exemplo, tem a ver com o fato de o Outro, em sua primeira versão imaginário (materna), não ter conferido ao recém-nascido um lugar em seu desejo (Idem, p. 21). A relação do melancólico com esse Outro se refere à função primordial que antecede o sujeito como função do desejo. Para o melancólico, há um “tempo morto”, no sentido de ausência de demanda da mãe, entendida aqui como função materna. Tempo em que não foi inscrito no sujeito a demanda da mãe, falhando a constituição do sujeito do desejo. A demanda do Outro, com perdão da redundância, demanda desejo. Assim, o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Se há ausência da demanda que antecede ao sujeito como função do desejo, o sintoma aparecerá como melancolia.

Na depressão, essa relação, neste caso problemática, com a falta que inscreve o desejo no sujeito é oposta: “o tempo morto do depressivo funciona como refúgio contra a urgência das demandas de gozo do Outro” (Idem, p. 21). Aqui, a diferença em relação ao melancólico fica bem demarcada. O melancólico está preso num tempo que já passou, mas que se mantém como simulacro à espera desse Outro demandar seu desejo e autorizar, assim, a constituição do sujeito de desejo. No depressivo, o tempo morte funciona como a seta do *cronos* lançada para o futuro, já que a busca é de romper o imperativo do gozo do Outro. É o Outro imaginário, “ocupado por figuras de autoridade – moral, religiosa, política ou, às vezes, como em nossos dias, puramente ficcional – que emitem enunciados capazes de simular respostas ao enigma do ‘que o Outro quer de mim?’” (Idem, p. 30). Deveríamos acrescentar a esse Outro, pelo qual o depressivo quer renunciar suas demandas, o imperativo: *goze o máximo que você puder*.

O tempo morto do depressivo funciona como refúgio. Refugiar-se de satisfazer o Outro. Um gesto que se assemelha a uma prática de liberdade, mas que Kehl dá mais uma torção no parafuso, nesta ruidosa implicação do sujeito com o social (que participa ativamente nas formações do inconsciente): “[...] quanto mais ele se esconde, mais fica à mercê Dele” (Idem, p. 21). Esse Outro laciano pelo qual Kehl articula para pensar tanto o sujeito melancólico como o depressivo, ironicamente, está em lugar algum. Literalmente.

[...] ele é a própria condição que move o sujeito em suas empreitadas para fazer-se reconhecer através do uso da linguagem, essa moeda cuja função é apenas ser passada de mão em mão, independentemente da cifra apagada que um dia teria simbolizado seu valor (Idem, p. 25).

O Outro simbólico (é inevitável não cair no RSI – Real, Simbólico, Imaginário) constitui as formações do inconsciente, que são “[...] tributárias da estrutura desse órgão coletivo, público e simbólico que é a língua em suas referentes formas de uso” (Idem, p. 25-26). Por isso, observa Kehl, no *Seminário 14: a lógica do fantasma*, Lacan radicalizou “[...] essa relação ao propor a fórmula ‘o inconsciente é a política’” (Idem, p. 26).

No próprio esforço para estabelecer a diferença de natureza entre a melancolia e a depressão na psicanálise, Kehl já abre as portas para justificar a tese que é talvez a mais polêmica de seu livro, a que articula o sintoma – que na psicanálise diz respeito a um modo de gozo do sujeito – com o social. O sintoma social. Tarefa difícil, principalmente porque a sociedade não é um sujeito, como a própria psicanalista adverte.

Independente da polêmica que possa vir a ter no campo psicanalítico, na sua articulação com o Real, o *sintoma social* permite pensar numa clínica da cultura, tendo como pergunta para estimular o debate: o que fazer com o resto não simbolizável da sociedade? Nessa empreitada, Kehl desenvolve o *sintoma social* em quatro partes: “1. O inconsciente, entre o individual e o social”; “2. O sintoma e os traumas sociais”; “3. O sintoma como expressão das formações sociais emergentes”; “4. Sintoma social, gozo e supereu”.

Ao discorrer sobre o *sintoma e os traumas sociais*, Kehl dá testemunho de sua participação em um debate sobre mulheres torturadas na ditadura militar:

[...] no qual tive a honra de participar, pude observar que o ato de tornar públicos os sofrimentos e os agravos infligidos ao corpo (privado) de cada uma daquelas mulheres poderia pôr fim à impossibilidade de esquecer o trauma. [...] só puderam enterrar simbolicamente seus mortos ao velar em um espaço público a memória deles e compartilhar com uma assembleia solidária a indignação pelo ato bárbaro que causou seu desaparecimento (Idem, p. 29).

Há um ativismo em Kehl muito vivo neste seu gesto de trazer para o debate esse arranjo teórico, que, assim como fez Freud, vê o *sintoma social* como expressão do que aparece na clínica. De maneira que o que aparece na clínica não está desarticulado do social. Por isso, Walter Benjamin é outro autor tão caro a Kehl. Ela retoma dele o conceito de *rememoração*: “Trata-se de contrapor ao recalçamento da memória do trauma não um compromisso obsessivo com a má consciência que não cessa de evocar os sofrimentos passados, mas ‘uma memória ativa que transforma o presente’” (Idem, p. 28).

A ATUALIDADE DAS DEPRESSÕES

Mesmo que as características de um depressivo sejam muito semelhantes as do melancólico – “negativismo, falta de ânimo, falta de autoestima, fantasia autodestrutiva, distúrbios somáticos e outras tantas manifestações de dor psíquica [...]” (Idem, p. 39) –, Kehl afirma que a teoria freudiana sobre a melancolia ensina muito pouco, quase nada, ao psicanalista sobre a clínica das depressões. Por isso a introdução do livro funciona como chave para ler toda a obra. Ali estão tecidas as amarrações do melancólico com o Outro, que são diferentes da forma como o depressivo está engendrado.

Em síntese, “A atualidade das depressões” parte do modo como a melancolia “aportou em terras freudianas, depois de percorrer a cultura ocidental desde Aristóteles” (Idem, p. 40), quando até a pré-modernidade versava sobre representações sublimes, para ser aprisionada como um sintoma.

Além de Freud e Lacan, Kehl dialoga com autores como Jameson, Adorno, Lévi-Strauss no que eles contribuem para construir os arranjos da subjetividade moderna, delineando-se a partir de uma certa automatização da vida privada. Com Jameson são apresentadas as condições presentes de invenção da psicanálise: “[...] da família como espaço privado dentro da nascente esfera pública da sociedade burguesa” (Idem, p.42). Com Adorno, ela mostra que, mesmo que o “[...] ideal individualista represente um avanço emancipatório em relação às formas subjetivas pré-modernas – transformando os homens ‘de crianças em pessoas’”, a forma subjetiva do indivíduo “é marcada pela impossibilidade de sua plena realização, uma vez que o indivíduo só se sustenta à custa do mesmo recalque que o divide” (Idem, p. 42-43). De Lévi-Strauss, Kehl se interessa pelo modo como ele começa por escrever o mito indo ao encontro da suposição freudiana de *Totem e tabu*, em torno das representações do pai ancestral. Para Lévi-Strauss, o mito, “[...] à maneira do inconsciente psicanalítico [, é] uma ‘procura do tempo perdido’” (Idem, p. 46). Neste sentido, a observação que nos interessa é a de que, “na modernidade, o mito não desaparece, mas seu estatuto se transforma, de uma tradição coletiva para um ‘tesouro individual’” (Idem, p. 46).

Demarcadas as implicações na produção de subjetividade a partir de um certo destaque à vida privada e sua articulação com a *esfera pública* – o que resulta como sintoma um conjunto de manifestações de sofrimento mental – Freud dá à *melancolia* um novo lugar. Desse panorama circunscrito no final do século XIX ao início do XX, Kehl mostra como, a partir da década de 1990, “o diagnóstico psiquiátrico das depressões [...] tomou o lugar que havia sido ocupado pela melancolia até as primeiras décadas do século XIX” (Idem, p. 49). O que Kehl faz é trazer o debate sobre o depressivo para o centro da discussão psicanalítica. Em síntese, para Kehl:

Depressão é o nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro. O sofrimento decorrente de tais perdas de lugar, no âmbito da vida pública (ou, pelo menos, coletiva), atinge todas as certezas imaginárias que sustentam o sentimento de ser (Idem, p. 49).

Essa perda de lugar que Kehl descreve é a de “um sujeito em desacordo com o Bem” (Idem, p. 61). É a partir da teoria lacaniana da culpa do sujeito em ceder de seu desejo que a autora apresenta a medida desse desacordo. Caminho inusitado para um iniciante em psicanálise, uma vez que há uma inversão do que o senso comum faz sobre a culpa moral:

[...] em vez de se abater por ter se deixado levar para longe do caminho do Bem, entendido como organizador supremo das regras morais, o depressivo da psicanálise sente-se derrotado por ter cedido de um bem muito mais precioso, o caminho singular e intransferível de comunhão com a força inconsciente que o sustenta (Idem, p. 62).

O sofrimento do depressivo é de ter renunciado ao seu desejo em favor do grande Outro. O que Kehl faz na primeira parte é mostrar esse desajuste em relação ao Bem do Outro, que funciona como instância da moral. “Com diferentes configurações imaginárias, tal desajuste entre o Bem do Outro e o bem do sujeito estaria na origem de todas as formas anteriores de melancolia [...] como expressão do mal-estar na cultura” (Idem, p.78).

Esse olhar minucioso sobre o modo como os sujeitos se subjetivam neste desajuste em relação ao Outro, ou ao Bem, na pré-modernidade, na modernidade e na contemporaneidade perpassa toda a obra. Para Benjamin, esse desajuste desemboca na melancolia. A falta de “perspectivas, sociais ou individuais, leva o sujeito a recuar de sua via e adotar uma atitude fatalista” (Idem, p. 81). Esse sujeito em desajuste/desacordo com as crenças que sustentam a vida social é que leva Kehl a retomar, no capítulo “Melancolia e fatalismo”, ainda no primeiro ensaio, o debate de Benjamin, para quem o fatalismo melancólico tem origem na ‘indolência do coração, a acedia, que hesita em apoderar-se da imagem histórica que lampeja fugaz’” (LÖWY apud KEHL, 2009, p. 84).

Na leitura de Löwy sobre o melancólico em Benjamin, Kehl encontra o ponto para estabelecer a articulação com Lacan: “O melancólico, por excelência, dominado pela indolência do coração – *acedia* – é o cortesão. A traição lhe é habitual porque sua submissão ao destino o faz sempre se juntar ao campo do vencedor” (KEHL, 2009, p. 84).

Estar-se integrado aos desígnios do Outro, que aparece ilustrado na história dos vencedores, é também “ceder de seu desejo”. Se em Lévi-Strauss, o mito se transforma da tradição coletiva para o indivíduo – o senhor de sua liberdade –, em Benjamin, como observa Löwy, o cortesão se transforma no indivíduo melancólico que se identifica com os vencedores.

Este é um dos pontos importantes que Kehl desenvolve, o de que há uma (auto)traição do melancólico na modernidade, o que a permite estabelecer a relação com o modo como Lacan percebe a origem da culpa depressiva daquele que “cede ao seu desejo”. Ceder ao seu desejo é estar em função da demanda do Outro, produzindo um recalçamento de si mesmo. No plano social, Benjamin procede na mesma lógica em seu conhecido texto “Sobre o conceito de história”, quando escreve que “nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”

(BENJAMIN apud KEHL, p. 86). O documento segue os desígnios dos vencedores e recalca as lutas dos vencidos. “Os monumentos triunfais de toda cultura, além de celebrar a vitória dos ‘vencedores de turno’, têm a função de, a partir do fascínio que produzem também entre os derrotados, contribuir para recalcar a memória das atrocidades cometidas pelos mais fortes” (KEHL, 2009, p. 86).

O espetáculo do triunfo dos vencedores acontece na luz projetada por holofotes erguidos pelos vencidos de um processo de barbárie após outro. Os vencidos erguem os holofotes, mas ficam na invisibilidade da escuridão que antecede a própria luz. Os vencedores, o Bem, essa instância que demanda e apaga a memória dos vencidos, funciona ao mesmo tempo como núcleo de identificação àqueles cujo passado foi perdido. Daí a lógica que Kehl articula com a noção de fantasma em Lacan: “O neurótico se defende da castração ao ‘transportar para o Outro a função do *a*’” (Idem, p. 91).

Assim como o *objeto a*, objeto causa de desejo, está perdido para sempre (pensemos na inscrição da lei como separação entre filho e mãe) – o que equivaleria à memória dos vencidos violentamente apagada pelos vencedores –, os outros objetos funcionam como meios de fantasiar no lugar do objeto perdido para sempre, tendo no par do debate social o Outro que ocupa as fantasias dos vencidos, cujo objeto perdido permanece apenas como semblante, não deixando de produzir desejo.

Neste caminho, não haveria outro lugar para as mercadorias que embalam os imaginários no capitalismo do que entrar no circuito de espetacularização. Ao trazer Debord para a cena do debate, Kehl deixa subentendido (a autora não explora diretamente este ponto) um outro movimento, o da passagem do *fetichismo da mercadoria* para o *fetichismo do consumo* (Baudrillard). Passagem da fantasia do sujeito de estabelecer uma relação individual com a mercadoria – sem se dar conta que toda relação é sempre social – para a fantasia criada por um conteúdo que transcende o produto, como na clássica propaganda Marlboro, com um cowboy cavalgando por um campo verde. O desejo passa a ser fisgado não propriamente pela mercadoria, mas por um conteúdo totalmente separado do produto.

Ao apresentar a tese 4 da *Sociedade do Espetáculo*, a de que o espetáculo não se resume a “um conjunto de imagens, mas [é] uma relação social entre indivíduos, mediada por imagens”, Kehl nos diz que isso “equivale a dizer que [...] as imagens, em sua forma mercadoria, é que organizam prioritariamente as condições do laço social” (Idem, p. 93). Este é o ponto de encontro do que vem se delineando como sociedade de consumidores (Bauman) e que faz de Debord um autor central neste debate.

O TEMPO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Se há uma forma mercadoria que fisga o desejo, há também no plano psíquico uma forma que funciona ativamente na constituição do sujeito. Na segunda parte, que tem título homônimo ao livro, Kehl articula o tempo do inconsciente que está em desacordo com o tempo da consciência, mas pelo qual o sujeito está à deriva: “o sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro” (Idem, p. 112).

A partir do texto “O tempo lógico”, de Lacan, Kehl refaz “o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir” de um problema lógico lançado por um diretor de um presídio a três prisioneiros, de cuja solução depende a liberdade de um deles. Kehl apresenta o problema lógico:

De cinco discos, dois pretos e três brancos, cada prisioneiro terá um colado nas costas, onde não consegue vê-lo – mas os dos outros dois, sim. Será libertado aquele que em primeiro lugar deduzir, a partir da observação dos outros a cor de seu próprio disco. Acontece que, salvo no caso em que um dos participantes do jogo enxergasse nas costas de seus companheiros dois discos pretos, é impossível deduzir a resposta correta sem levar em conta, além das cores dos discos que cada um vê, as reações e as hesitações dos outros dois (Idem, p. 113).

O ponto que está em destaque é a *duração* do tempo como “condição necessária para a produção do instante fulgurante do acontecimento, sem a qual o sujeito conclui sem compreender e reduz sua escolha a uma precipitação inconsequente” (Idem, p. 115). O acontecimento como o tempo não lógico, que a psicanálise lacaniana valoriza, “fornece ‘margem de liberdade fora da qual cada um seria apenas uma marionete de seu inconsciente’” (Idem, p. 116).

O que se sucede na análise de Kehl sobre o homem contemporâneo é que ele está “completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão” (Idem, p. 123). Isso significa a falência da *duração* como condição do próprio ser. “O *ser* é um efeito simbólico da certeza antecipada do sujeito desejante” (Idem, p. 114). Quando o sujeito está completamente absorvido pelo tempo da demanda, do consumo, da produção, é o seu desejo que é renunciado. “Aproveitar bem o tempo” é o imperativo da atualidade. O problema é que o sujeito não é senhor de seu tempo, mas se insere no tempo urgente sem se dar conta que seu desejo é o desejo do Outro.

Estamos novamente às voltas com o depressivo como aquele em desajuste às urgências do tempo presente. O depressivo “resiste com sua lentidão, seu mergulho angustiado e angustiante em um tempo estagnado, que lhe parece não passar” (Idem, p. 125). “Aproveitar bem o tempo” não seria o mesmo que aproveitar bem a demanda do Outro? O contemporâneo aparece então como o que não se deixa simbolizar na sucessão do tempo, já que a *duração*, no percurso que Kehl faz entre Aristóteles, Bergson e Deleuze, é “‘memória que prolonga o antes no depois’ como efeito de ligação (involuntária) entre as sucessivas inscrições pré-conscientes e inconscientes do vivido” (Idem, p. 128).

“O depressivo é aquele que tenta se colocar sempre fora do tempo dos outros, ou do tempo imposto pelo Outro” (Idem, p. 140). Seguindo a leitura de “O tempo lógico”, o tempo de compreender do depressivo não passa de uma tortura, já que o que ele antecipa é o fracasso – o fracasso de ter renunciado ao seu desejo. Esse tempo de compreender passa também pela experiência, à qual é dedicada uma parte do segundo ensaio, tendo os textos de Benjamin “O narrador”, “Experiência e pobreza” e “Sobre o conceito de história” no centro de seu debate. O que escapa a todas as competências tecnológicas e científicas, no qual estava ancorado o horror da Primeira Guerra Mundial, é a transmissão da experiência. Mas Benjamin identificou que, no horror da

guerra, “os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN *apud* KEHL, p. 153). Somos levados a entrar na cena pós-moderna como processo acelerado de vivências subtraídas de experiências – um acoplamento à demanda do Outro.

A experiência como “um saber que pode ser passado adiante e que enriquece o vivido não apenas para aquele a quem a experiência é transmitida, mas também para aquele que a transmite” (Idem, p. 162). Temos nessa noção benjaminiana de experiência as condições para Kehl articulá-la com o axioma lacaniano de que um significante representa o sujeito para outro significante. Da mesma forma que é no “ato da transmissão que a vivência ganha o estatuto de experiência” (Idem, p. 162), é na cadeia significante que o sujeito passa a existir ao produzir sentido no intervalo de um significante a outro.

Em Benjamin, diz Kehl, “a experiência é incompatível tanto com a temporalidade veloz quanto com a sobrecarga de solicitações que recaem sobre a consciência” (Idem, p. 162). O que dizer, então, da atualidade? “Qual a experiência transmissível ao final da jornada de um apostador de mercado financeiro que passou o dia à *bout de soufflé*, tentando se antecipar ao sobe-e-desce do capital numa bolsa de valores em qualquer país do mundo?” (Idem, p. 168).

O RECUO DO DEPRESSIVO

O terceiro ensaio do livro é uma extensão da diferença entre melancolia e depressão com a variante de que Kehl acrescenta o debate da clínica psicanalítica. Enquanto a genealogia do melancólico na psicanálise está relacionada com uma ausência prolongada do Outro materno, no depressivo, ao contrário, o tempo lento e vazio corresponde a um excesso de presença do Outro (Idem, p. 141).

Esse excesso de presença do Outro produz como efeito um sujeito que “traí a sua via”, como trabalhou Lacan em *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*; ou seja, um sujeito que traí o seu desejo. É a onipresença do Outro no sujeito que produz o depressivo. “Ele atropela a temporalidade psíquica da criança que se torna, em decorrência da pressa do Outro, particularmente lenta e inapetente em sua vida mental” (Idem, p. 224).

Essa estruturação de Kehl ao longo de seu livro funciona como uma variante que dá condições para se buscar a psicanálise: “A contrapartida vantajosa da lentidão depressiva é que ela joga a favor daqueles que se encorajam a tentar uma psicanálise” (Idem, p. 224). Às voltas da relação do sujeito com o Outro, o que parece estar em pauta é sempre o desejo. No depressivo, a ausência do desejo leva o sujeito a desistir de si mesmo; a desistir do *ser*, da parte faltante que representa a impossibilidade da totalidade. Como nos faz lembrar Kehl: “O desejo, em Lacan, é ‘metonímia do nosso ser’” (Idem, p. 54). Desta maneira, *O tempo e o cão* conduz o leitor para a clínica do real, da parte faltante que conduz o sujeito a buscar o *ser*, perdido para sempre, mas que faz nascer o desejo, o desejo de viver. Desistir do *ser*? Eis o risco que corre o depressivo e para o qual Kehl parece querer nos alertar